

## EPISTEMOLOGIAS AFROINDÍGENAS: O COSMODRAMA E AS PRÁTICAS DE INTERAÇÕES DE CUIDADO NO CAMPO PSI

Keâ Costa<sup>1</sup>  
Abrahão Oliveira Santos<sup>2</sup>  
Luiza Rodrigues de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** O racismo interferiu, e ainda interfere, na constituição das subjetividades, modulando as práticas pedagógicas e terapêuticas, formando um modo de operar o mundo que exclui saberes originários afroindígenas das criações de ensino e cuidado para a sociedade brasileira. Neste contexto, o artigo apresenta epistemologias afroindígenas como metodologia de ensino em um programa de pós-graduação em psicologia e também como uma possível metodologia de acolhimento e cuidado na Atenção Primária à Saúde no município do Rio de Janeiro. O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar como acontece a construção de interações de cuidado, pedagógicas e terapêuticas, pautadas em epistemologias afroindígenas no contexto acadêmico em um programa de pós-graduação em psicologia e na prática do acolhimento e cuidado para além das salas de aula, na prática cotidiana do campo profissional da psicologia. Para isso, o artigo pretende compartilhar o caminho de construção de um trabalho acadêmico que se fundamenta em epistemologias afroindígenas para valorizar e promover a saúde integral à sociedade brasileira, em especial da população negra e periférica; o que temos nomeado de psicologia aterrada. Através da revisão da literatura e o diálogo entre autores renomados na área de interesse, como Abrahão Santos e Luiza Oliveira (2023), Virgínia Bicudo (1945), Leda Maria Martins (2021) e Neusa Santos Souza (2021), busca-se evidenciar que a manutenção de gnoses afrodiaspóricas se deu e se dá no cotidiano das favelas, aldeias e quilombos, manifestando-se a partir dos corpos negros que ocupam lugares na universidade e nas instituições de promoção à saúde. Ao final do processo de pesquisa e produção do artigo, constatou-se que os resultados obtidos mostram o cosmodrama e as práticas de interações de cuidado como possíveis maneiras de romper com o epistemicídio e ampliar as recriações de cuidados contextualizados com as culturas negras brasileiras.

**Palavras-chave:** Cosmodrama, Psicologia Aterrada, Acolhimento, Cuidado, Cosmológica.

---

<sup>1</sup> Psicólogo; doutorando do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF; Pesquisador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-Brasileira, onde trabalha em equipe na elaboração de uma psicologia aterrada afroindígena e antirracista. Atua principalmente na saúde mental e integral da pessoa negra, indígena e LGBTQIA+. Contato: psimoreiradoc@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF; coordenador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-Brasileira, onde trabalha em equipe na elaboração de uma psicologia aterrada afroindígena e antirracista; co-autor de Metodologia do espelho de Oxum (2023), com Luíza Oliveira. Contato: abrahaos@id.uff.br

<sup>3</sup> Psicóloga, professora adjunta da UFF. Doutora em Educação pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação e Ensino de Ciências da UFF. Pesquisa sobre Oralidades, Escrivência, Questões Raciais na Escola. Faz parte do CDINN - coletivo de intelectuais negras e negros do país. Contato: luizaoliveira@id.uff.br

## ***AFROINDIGENOUS EPISTEMOLOGIES: THE COSMODRAMA AND THE PRACTICES OF CARE INTERACTIONS IN THE PSI FIELD***

**Abstract:** Racism has interfered, and still interferes, in the constitution of subjectivities, modulating pedagogical and therapeutic practices, forming a way of operating the world that excludes Afro-indigenous knowledge from the creation of teaching and care for Brazilian society. In this context, the article presents Afro-indigenous epistemologies as a teaching methodology in a postgraduate program in psychology and also as a possible methodology for reception and care in Primary Health Care in the municipality of Rio de Janeiro. The main objective of this work is to analyze how care, pedagogical and therapeutic interactions based on Afro-indigenous epistemologies are constructed in the academic context of a postgraduate program in psychology and in the practice of welcoming and caring beyond the classroom, in the daily practice of the professional field of psychology. To this end, the article aims to share the path of building an academic work that is based on Afro-indigenous epistemologies to value and promote the integral health of Brazilian society, especially the black and peripheral population; what we have called grounded psychology. By reviewing the literature and dialoguing with renowned authors in the area of interest, such as Abrahão Santos and Luiza Oliveira (2023), Virgínia Bicudo (1945), Leda Maria Martins (2021) and Neusa Santos Souza (2021), we sought to show that the maintenance of Afro-diasporic gnoses has taken place and is taking place in the daily life of the favelas, villages and quilombos, manifesting itself from the black bodies that occupy places at the university and in health promotion institutions. At the end of the research process and the production of the article, the results obtained show that cosmodrama and care interaction practices are possible ways of breaking with epistemicide and expanding the recreation of care that is contextualized with black Brazilian cultures.

**Keywords:** Cosmodrama, Grounded Psychology, Welcoming, Care, Cosmological.

|

## 1. INTRODUÇÃO

A proposta principal deste trabalho consiste em analisar como acontece a construção de interações de cuidado, pedagógicas e terapêuticas, pautadas em epistemologias afroindígenas no contexto acadêmico em um programa de pós-graduação em psicologia e na prática do acolhimento e cuidado para além das salas de aula, na prática cotidiana do campo profissional da psicologia.

Utilizar de epistemologias de cuidado, pedagógicas e terapêuticas afroindígenas para contextualizar e promover um cuidar mais atento, se faz necessário ao compreendermos que para cada tempo se constituíram diversos modelos psicoterapêuticos. Reconhecer outras epistemologias como fundantes de culturas e subjetividades, está entre um dos caminhos para uma sociedade menos preconceituosa e racista e para a construção de políticas públicas mais abrangentes e equânimes com a pluralidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira.

A partir das pesquisas dos professores Abrahão Santos e Luiza Oliveira (Santos; Oliveira, 2023), assentadas em epistemologias afrodiaspóricas e dialogando com autores como Virgínia Bicudo, Frantz Fanon, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, tem sido reconhecidas metodologias que partem da cosmopercepção dos povos negros. São as diversas concepções de pessoa, dentro de uma perspectiva ontológica, para além do saber hegemônico, que hoje podem nos mostrar caminhos para a construção de modos de cuidar contextualizados com as diferentes realidades da população afrobrasileira.

Outras epistemes, diferente das hegemônicas, têm contribuído para a reformulação conceitual dos modos de operar o mundo, como por exemplo, pensar a constituição de nossa subjetividade a partir de um entendimento contextualizado com a linhagem ancestral ou cosmopercepção dos povos negros e indígenas. Nesse caminho, constrói-se gradativamente a partir da cosmopercepção afroindígena, maneiras mais contextualizadas de promover saúde para as pessoas. Valoriza e desbloqueia os saberes comunitários, devolvendo o sentido do cuidar para os estudantes, professores, cuidadores e pessoas acolhidas.

O pensamento e a formação do profissional de psicologia, como de toda intelectualidade brasileira, está majoritariamente permeado pela ideologia racista do branqueamento, como nos mostra Moura (2019). Assim, faz-se urgente considerar os saberes e cosmopercepções dos povos e comunidades tradicionais, resgatando os modos de cuidado com as doenças e da construção de subjetividades.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. O RACISMO COMO AGENTE MODULADOR DAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS E TERAPÊUTICAS

Em “Sociologia do negro brasileiro”, Moura (2019) discute a intelectualidade, a academia e a subjetivação brasileira. O funcionamento racista como uma constelação de estilo social brasileiro, o que provoca a construção de uma intelectualidade e uma universidade produzidas para observar as condições estruturais do escravismo como menor ou sem nenhuma importância para a nossa constituição como sociedade contemporânea. Foi a

intelectualidade brasileira, juntamente com a universidade, parte das instituições mantenedoras dos bloqueios epistemológicos no negro urbano (Santos; Oliveira, 2021). A subjetivação do povo brasileiro esteve historicamente atravessada pela lógica de um escravismo continuado, modernizado e esteticamente recriado, porém sem mudança social, segundo Moura (2019).

A transição do sistema escravista para o sistema capitalista no século XIX, com a suposta abolição da escravatura, nos indica a lógica racista como modeladora da arte de se relacionar na sociedade brasileira. Observando esse processo na ótica de Clóvis Moura, percebemos a modernização das relações de produção sem transformação na hierarquia social. O racismo como agente modulador do capitalismo brasileiro, das relações sociais e da subjetivação de toda essa sociedade, também norteia as práticas pedagógicas e terapêuticas.

Isso nos coloca, desde a invasão das terras pindorâmicas, submetidos a uma dialética enganatória que alimenta o bloqueio estratégico ao negro urbano brasileiro na ascensão social, até os dias atuais. A modernização sem mudança social e o racismo como instrumento de sustentação de privilégios, é talvez o principal elemento do mecanismo de barragem do desenvolvimento social do negro. Nesse bloqueio, também de caráter epistemológico e cognitivo, os povos negros e indígenas são impedidos, por forças biopolíticas existentes desde a colonização, de alcançarem patamares privilegiados ou compensadores socialmente. O bloqueio epistemológico impede os saberes de se estabelecerem e estenderem até as instituições oficiais de formação e faz com que os herdeiros das gnosis subalternizadas não possam acessá-las, e com isso não consigam perceber-se como sujeitos coletivos histórico e identificar a si mesmo como povo com perspectiva própria, no contexto histórico em que vive.

Voltando ao século XVII, junto com o texto de Clóvis Moura (2019), tempo em que nasceria uma nação fundamentada nos saberes afroindígenas, a partir da organização social dos quilombos ao criarem a República de Palmares; o intelectual negro nos apresenta a tentativa contínua em abortar uma nação conduzida por epistemologias palmarinas. Paralelo ao projeto de uma nação capitalista, estava sendo cuidadosamente gerado, no ventre das florestas brasileiras, o projeto de uma República Afroindígena. Essas forças biopolíticas são engendradas como verdade com os diversos saberes e práticas disciplinares da modernidade, tais como as que se constituem a partir do campo psi.

Na história do pensamento psicológico brasileiro em sua relação com a racialização vemos se configurando três grandes momentos (Santos; Schucman; Martins, 2012): momento biológico-causal, para o qual havia uma associação biológica entre características raciais e tipos de comportamento (considerados até como não humanos) dos povos negros e indígenas e caracterizados como menos desenvolvidos diante do único modo de vida respeitado, o do branco europeu.; no momento culturalista, o que estava em cena era a crítica do determinismo biológico das raças, afirmando que é na interação social que as diferenças culturais se transformam em desigualdades, mas ainda com um sentido de folclorização das culturas negras e indígenas; e momento relacional, no qual o que prevalece são os estudos de um sentido de identidade relacional, evidenciando o efeito do racismo e da branquitude na vida dos povos negros e indígenas. Alguns datam esse modelo

a partir dos anos de 1990, mas é preciso lembrar dos estudos de Bicudo (1945) na década de 1940.

Neste artigo evidencia-se, a partir da discussão acerca de uma metodologia de ensino da formação em psicologia em sua interface com uma metodologia de cuidado na Atenção Primária à Saúde, outra possibilidade para o campo psi, sem se opor aos estudos do momento relacional, oriundas de epistemologias negras, tais como os estudos de Bicudo (1945), Souza (2021) e Bento (2002). O que aqui trazemos é uma perspectiva anunciadora das gnosés afrodiaspóricas que se dá no cotidiano das favelas, aldeias e quilombos, se manifestando a partir dos corpos negros que ocupam lugares na universidade e nas instituições de promoção à saúde.

Hoje, em busca por uma formação profissional psicológica antirracista, metodologias e epistemologias afrodiaspóricas e indígenas vêm se manifestando nas instituições universitárias, inclusive nos programas de pós-graduação. Manifestações estas, promovidas majoritariamente a partir da entrada, no universo acadêmico, do povo negro e indígena, possibilitada pelas políticas de ações afirmativas. Fato que parece decorrer da maior acessibilidade aos direitos básicos, como educação e saúde, além de estarem ocupando lugares de destaque nas instituições contemporâneas e nos espaços de formação acadêmica. Essa entrada não resulta diretamente nesse encontro com as epistemologias afroindígenas, pois é preciso também mudanças na fundamentação e nos princípios das pós-graduações. Uma dessas mudanças diz respeito ao currículo que precisa trazer à cena, além de referências negras e indígenas, o sentido das epistemologias afroindígenas para as quais não existe a díade na afirmação das cognições a partir da díade sujeito-objeto que instaura o pensamento ocidental.

Com as perspectivas contracoloniais (Santos, 2018), intelectuais e pesquisadores contemporâneos, de dentro e de fora dos circuitos acadêmicos, vêm disponibilizando aos novos pesquisadores do cuidado da população indígena e afrodiaspórica brasileira, saberes que estiveram por alguns séculos impedidos de serem validados, por múltiplas estratégias de barragem e epistemicídio. Uma força social contemporânea brasileira, que se coloca antirracista, se levanta em todas as áreas do conhecimento, trazendo em pauta a cosmológica como sistema tradicional de se relacionar com o mundo (Santos, 2023), onde se assenta um tipo de subjetivação constituída em profundo conluio com o mundo e a natureza, e que reivindica sua integração, ou seja, ser não separado dele e dela.

A cosmológica, aqui para nós, caminhando juntamente com Santos (2023), no modo de vida quilombola, está manifestada nas relações comunitárias onde o Cosmo está no centro, não mais as humanidades propostas pelos europeus. Assim, na vida comunitária são levadas em consideração todos os tipos de vida, desde os microcosmos ao macrocosmo, desde o vagalume ao Sol. As casas e comunidades são pensadas a partir de uma relação de integralidade com o ambiente, as vidas que ali se nutrem, o sol, o rio e até a caatinga. A confluência, a intersubjetividade, a interdependência e a solidariedade antropocósmica, como sistematização para um cuidado integralizado e contínuo. Nessa cosmopercepção não cabe a máxima da subjetivação ocidental e branca que se dá por uma díade entre sujeito e mundo.

Tem havido muitos esforços dos acadêmicos e profissionais da área da saúde para implementar políticas que garantam o cuidado integral para a população negra, mas é fundamental que esse sentido de pessoa esteja na fundamentação dessas teorias e práticas. De acordo com a Cartilha Saúde na Favela numa perspectiva Antirracista (Ávila; Silva, 2023), produzida pela FIOCRUZ, Ministério da Saúde e Movimento Negro Unificado, o racismo estrutural e institucional contribui para dificultar o acesso aos cuidados em saúde e quando a população negra acessa, correm o risco de vivenciarem racismo de muitos profissionais.

Pode-se dizer que o problema não está apenas no poder do Estado, mas também se manifesta na postura e na ação de profissionais de saúde que, muitas vezes, expressam o seu racismo na falta de cuidado e nas relações institucionais, corroborando a presença do racismo institucional e o racismo nas relações interpessoais, 'tentáculos' do racismo estrutural (Ávila; Silva, 2023, p.23).

É perceptível que, no processo de formação da subjetividade brasileira e também de nossa intelectualidade, estamos reproduzindo uma racionalidade universalista de cuidado que desconsidera a cosmológica como um modo de operar a vida. Para nós aqui, o estilo de organização social fundamentado na cosmológica se faz contextualizado às múltiplas etnias que habitam nossos territórios.

Ainda nesse caminho antirracista, pesquisas no programa de pós-graduação, que é cenário deste artigo vêm “evidenciando o sentido dos saberes da ancestralidade como caminhos que pautam nossas vidas e a profissão do cuidar” (Santos; Oliveira, 2023, p.10), a partir de disciplinas que apresentam os estilos de vida da população negra, sua cultura e modos de cuidar, compostos por metodologias e epistemes não evidenciados até então pelo saber dominante.

## 2.2. O COSMODRAMA CHEGA NA SALA DE AULA

O curso de pós-graduação ao qual o artigo faz referência, adota, desde 2016, uma política de ações afirmativas que garante 50% das vagas para cotas, assim determinadas: negros (30% das vagas), indígenas (5%), pessoas com deficiência (10%) e pessoas transexuais e travestis (5%). O sistema de distribuição de bolsas também está organizado numa lógica de reparação histórica, garantindo 70% do benefício aos candidatos negros (pretos e pardos), indígenas, pessoas com deficiência e pessoas transexuais e travestis. Esta política vem transformando o público e também as metodologias e as discussões teóricas deste programa de pós-graduação em psicologia, pois a chegada das/os cotistas tem exigido práticas mais afinadas com a realidade da população brasileira. A entrada de estudantes negras/os e indígenas inclui discussões que levam em conta as experiências e saberes daquelas/es que foram historicamente objetos de estudo.

No contexto psicossocial brasileiro tem acontecido uma busca, principalmente pelo povo negro, por acolhimento e cuidado contextualizados com as questões étnico-raciais. Fenômeno que parece estar atrelado com a chegada expressiva do negro no ensino superior, sendo que este fato vem promovendo atualizações no campo do cuidado da

população negra de nosso país. Paralelo a essa conjuntura social, alguns docentes universitários vêm desenvolvendo metodologias para responder às carências e lacunas abertas pelos séculos de negligências com a história do negro brasileiro.

Neste caminho, apresentamos as produções de dois docentes universitários e de seus grupos de pesquisa, que vêm produzindo pesquisas e práticas de cuidado fundamentadas pelas epistemologias afroindígenas, em um programa de pós-graduação, a fim de entender como vêm afirmando o sentido de pessoa para além do binarismo do pensamento ocidental branco e europeu, numa proposta de combate ao epistemicídio; construções essas nomeadas de psicologia aterrada (Santos; Silva, 2018). Trata-se de fazer a psicologia encontrar uma episteme da identidade negra brasileira, nos seus mais diversos campos de atuação.

A diretriz da psicologia aterrada é considerar as referências históricas coletivas dos saberes tradicionais e da oralidade; essa diretriz pode ser representada por uma das ferramentas, ou melhor dizendo, performances, desenvolvidas por estes grupos de pesquisa – o Cosmodrama; que, segundo esses grupos, têm em seu princípio a oralidade. Aportando-se no que diz Martins (2021), a grafia do saber não pode ser reduzida a uma escrita alfabética e linear, na qual não cabem as vidas dos povos negros e indígenas, pois trata-se de uma grafia do conhecimento que tem em sua base o fundamento epistemológico de origem grega - as dicotomias sujeito-objeto, sujeito-natureza, sujeito-comunidade; o que produz uma ideia de que a oralidade atrapalha a produção do saber, pois impede o desenvolvimento do pensamento. É preciso, pois, “encorpar” o saber, trazer à cena experiências corporificadas, que afirmem os saberes tradicionais e suas oralidades.

Apesar de toda a repressão, o que a história nos ostenta é que, por mais que as práticas performáticas dos povos indígenas e dos povos africanos fossem proibidas, demonizadas coagidas e excluídas, essas mesmas práticas, por vários processos de restauração e resistência, garantiram a sobrevivência de uma corpora de conhecimento que resistiu às tentativas de seu total apagamento [...] (Martins, 2021, p.35).

O cosmodrama (Santos, 2023a) expressa a riqueza natural da cosmológica negra e consiste em uma instalação estética, que propõe um assentamento de saberes, memória e energias negro-indígenas na sala de aula, de modo a alterar as condições cognitivo-pedagógicas da ambiência acadêmica. O cosmodrama traz o valor da ancestralidade da resistência negra e indígena. Suscita o direito de existir como natureza e não como um elemento sintético. Uma das funções do cosmodrama está no sentido de aterramento, produzindo um efeito contrário ao desterro dos povos africanos e ameríndios produzidos pelo epistemicídio imposto pela colonização nos espaços universitários. “Na estratégia da dominação pelo desterro, o negro é o tempo todo desconstruído em sua identidade, o que torna terrivelmente angustiante ser negro no Brasil” (Santos, 2023a).

A condição de existência do povo negro é acolhida e assentada a partir dos recursos naturais na composição do cosmodrama, que trazem memória e vitalidade ao corpo negro, legitimando outras cognição, racionalidade e intelectualidade diversas, diferentes daquelas consagradas nas universidades brasileiras. A expressividade do cosmodrama ativa no

espaço acadêmico os saberes do povo negro e indígena. Alunas/os negras/os ao se depararem com o cosmodrama na sala de aula, em um curso de pós-graduação em psicologia, identificam elementos de seu repertório cotidiano e/ou de memória da natureza ancestral e dos seus antepassados. As instalações de cosmodramas são estéticas que trazem as histórias e lembranças que fazem acessar a cultura ancestral, as relações sociais e familiares, as manifestações de cuidado e cura necessários para a luta por liberdade e conquista de direitos; sendo esse o princípio inaugural da psicologia aterrada.

Como os cuidados que se aprende nos terreiros de candomblé, de umbanda, reinado, maracatu, batuque, terecô, jurema, sob o ensinamento de mães e pais de santo, de mestres e zeladores das mais diversas ascendência, acompanhado do estilo cognitivo do legado negro. Estilos de vida transmitidos pelos antepassados, os mais velhos e pela infância, haja vista que os mais novos são “espécie de mensageira da ancestralidade, de modo que a infância é um signo de continuidade dinâmica, que traz em si toda a potência da memória ancestral (...)” (Nascimento, 2012, p.47). Estilo de vida participante da pluralidade da formação da sociedade brasileira.

O cosmodrama foi trazido para a sala de aula como uma flexa que subiu alto e desceu flamejante até se fincar no seio do monstro que produz conhecimento para os brancos; estava ali para lembrar do ferro, de quem inventou a forja, de quem trabalhou duro para construir esse país; como as pipocas que saltam transformando o milho em flor, instala-se na sala de aula do colonizador a memória da cura, do poder de cura nos corpos de nossa gente; e aquelas frutas ativadas a nos servir de alimento e alegria, acende a urgente identidade e a etnicidade insurgentes no contexto colonial que traz até agora a modernidade. Tudo aquilo ali era uma prática pedagógica de enterreiramento da pessoa e tudo isso vinha emanado das energias ativadas que traziam o encantamento à sala de aula (Santos, 2023a, p.10).

O que fazemos a seguir é o exercício de pensar como uma prática, como a aqui descrita, pode trazer transformações para a atuação de profissionais do campo psi, isto é, como podemos relacionar uma metodologia de ensino da formação em psicologia, que considera os modos de vida dos povos negros e indígenas com uma metodologia de cuidado na Atenção Primária à Saúde.

### 2.3. O SABER AFRODIASPÓRICO COMO POSSIBILIDADE DE ACOLHIMENTO E CUIDADO NO SUS

Com o propósito de elucidar esse saber, vale dizer, de trazê-lo à visibilidade da formação psicológica, apresentamos uma experiência, não incomum, vivenciada em uma unidade de saúde da Atenção Primária, no SUS na cidade do Rio de Janeiro. Uma mulher negra entra na unidade de saúde em um suposto surto psicótico, conforme o olhar da psicologia baseada em saberes eurocêntricos. Ela estava nua, sangrando em sua lua menstrual, com os olhos bem abertos e olhar penetrante, afirmando ser Maria Mulambo da Kalunga - uma entidade da falange de Pombagiras da Umbanda e da Quimbanda. Logo foi abordada por

profissionais que diziam que ela precisava estar vestida. A mulher respondeu com gargalhadas altas e firmes, dizendo que ela estava ali para dar ordens e não para receber, desviando o olhar desses primeiros que propuseram acolhê-la.

Diante disso, outros profissionais da unidade, negros e com noção do aspecto de diversidade cultural que ali estava se manifestando, saúdam a senhora da falange cumprimentando-a com um “boa noite moça”. A resposta de dona Mulambo veio prontamente: “boa noite pra quem é de boa noite, bom dia para quem é de bom dia!” Logo em seguida, Mulambo pede cigarro, como seria o óbvio, caso a cena ocorresse na roça de umbanda. Os profissionais negros e conectados a outro repertório cultural, cognitivo a um racionalidade proveniente do universo de referências afroindígenas, prontamente se organizam para recebê-la em uma sala. Deram-lhe o cigarro em sua boca, acenderam como um sinal de cortesia e gentileza de quem almeja receber em troca a sua atenção do bakulo, da protetora e benfeitora que viveu tempos atrás e retorna naquele corpo. A cobriram com um lençol, daqueles de maca hospitalar e abriu-se assim o caminho para uma longa e proveitosa interação de cuidado.

Fumando, gargalhando e cantando como fazem os *nzilas* nas aldeias de umbanda, Dona Mulambo relata que a menina que a recebe está em apuros, precisa de cuidados e que sabia: “somente aqui com o povo do jaleco branco, sua menina receberia os contornos necessários”. A entidade que veio de Kalunga se despede e o cuidado integral, transdisciplinar e transaberes, cuidado da saúde física, psicológica, social e espiritual, aconteceu, ainda realizado a muito custo no SUS. Tratou-se sim de uma performance cosmodramática em que histórias e lembranças dos profissionais de saúde negros presentificaram a cultura ancestral, as relações das comunidades negras, que permitiram o cuidado necessário para que outras técnicas de saúde, que se seguiram, pudessem acontecer; esse é o princípio da psicologia aterrada.

O procedimento de cuidado integral à saúde que aí se sucedeu, nos faz reconhecer a importância de incluir na formação de psicólogo/as e nas pesquisas os saberes do sagrado das comunidades tradicionais. É como diz Santos:

O encontro que é necessário fazer para aumentar nossa potência de ação é o encontro de nós com nós mesmos, o encontro que aumenta a Força. A Força nos permite reelaborar existencialmente a vivência na desgramura, na desgramatura (vivência desgramada da diáspora) imposta violentamente aos que vieram de África e aos que já estavam na terra (Santos, 2023b, s/p).

A partir dessa vivência é possível reconhecer a cosmológica afroindígena como base cognitiva e de conhecimentos para o cuidado à saúde. Uma dinâmica que possibilita a estruturação significativa, para a reconstituição da saúde de um tipo de pessoa muito presente na sociedade brasileira. Fundamental para em nosso tempo tomarmos consciência dos sistemas culturais que ocupam o território brasileiro, pois “a cultura é estruturante também para a aprendizagem” (Machado, 2019, p.35) e para o cuidado.

Exemplificamos uma vivência de psicologia aterrada, um cuidado agenciado por profissionais negros para uma pessoa negra. Encontramos neste tipo de gestão

possibilidades de cuidado para um tipo de pessoa antes não escutada e não acolhida, por não dialogar com seu estilo de vida, com o modelo eurocristão imposto e praticado, historicamente, como verdade universal. Afirmamos que há maneiras de cuidar, que se mostra no cotidiano urbano e periférico da sociedade brasileira, e que estão mantidos e praticados há séculos pelas comunidades negras, de terreiros, quilombos e aldeias. São epistemologias e métodos que não podem mais ser desconsiderados. Santos (2023b), em seu artigo “Protagonismo negro e psicologia para a pessoa enterreirada”, coloca que:

[...] nas concepções indígenas e negras, a "força de vida", a vida ela mesma, ou toda a existência, em suas mais variadas modalizações, energias ou vibrações se dá em comunidade. [...] Como seria trabalhar esse conceito-princípio com os afro-indígenas em diáspora, que chegam para receber a atenção na saúde pública, no Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo; ou o trabalho pedagógico de crianças e jovens nas escolas; ou o trabalho na assistência junto ao sistema jurídico e ao sistema carcerário? (Santos, 2023b, s/p).

Os saberes afropindorâmicos não são atemporais, mas trazem camadas distintas do tempo. “Sendo uma comunidade, o sujeito não existe apenas agora, no presente, pois o presente não é o único tempo do espaço comunitário” (Pavón-Cuellar, 2022, p.52). O espaço, assim como o corpo, para os povos de cosmo percepção afroindígena, está povoado também pelos ancestrais e os seus antepassados já mortos. O presente consiste na manifestação contínua de um passado recente e longínquo, fonte de força e consciência. Considerar essa diversidade cultural nos possibilita compreender de modo mais amplo as complexidades das existências humanas periféricas, que se apresentam nos cotidianos da vida em sociedade e responder adequadamente e com respeito pela diversidade de nossa composição social. Assim, um cuidado afropindorâmico propõe uma relação intersubjetiva (Pavón-Cuellar, 2022).

## 2.4. COSTURANDO REEXISTÊNCIA

No Brasil, é perceptível, do advento da República de Palmares a todas as frentes de lutas negras e indígenas onde a violência colonial europeia se deu, a resistência dos povos originários e africanos na construção de outro modo de organização social, que garanta equidade no bem-estar integral à toda a sociedade. Há inúmeros coletivos e instituições que discutem uma psicologia africana diaspórica, psicologia brasileira enterreirada, nomeada neste artigo de psicologia aterrada, saúde antirracista, entre outros campos epistêmicos e epistemológicos, em nome de uma saúde integral para a nossa população brasileira, tão múltipla e plural quanto as intelectualidades que habitam esse território. Agora, muito bem acompanhados e reconhecendo a importância de nossos precursores, abrimos os caminhos para a fundamentação de uma prática de cuidado afropindorâmica, tomando consciência da história da subjetivação no Brasil e avivando a força ancestral da terra.

A Rainha do Rosário de Jatobá, professora doutora e escritora, Leda Maria Martins, em seu livro “Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela”, nos presenteia inicialmente

com a lúcida frase: “o que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” (Martins, 2021, p.23). Impactando de modo singular nossas concepções sobre epistemologia e sobre o tempo, Martins (2021) traz, manifestado em seus estudos a tradição do povo banto africano continuada e recriada na sociedade brasileira e especificamente na cultura de reinados de Minas Gerais. Um exemplo fundamentado nas continuidades de cultura e tradição africanas em nossos modos de operar o mundo na sociedade brasileira.

A reterritorialização de todo um complexo acervo de gnosis ancestrais e valores epistemológicos garantiram a nós grandes possibilidades de manutenção e continuidade de uma vida humanizada, a partir de perspectivas individuais e cosmopercepção de mundo. O cosmodrama e as diversas formas de cuidado, baseadas nos conhecimentos afroindígenas, promovem a retomada de um lugar social e a reocupação de espaços que têm sido dominados pela lógica cosmo-fóbica. As epistemologias negras estão presentes nas narrativas, memórias e corpos; são saberes que constituem um tipo de pessoa, outras subjetividades e que vem permitindo até os dias atuais a preservação de identidades periféricas que, por séculos, foi reprimida em sua cosmopercepção. São muitas culturas, maneiras de educar e cuidar, estilos de vida e modos de organização social, que resistem às intensas tentativas de aniquilamento.

As cenas que se repetem nas periferias, nos coletivos negros, nas aldeias, quilombos e favelas, remontam e recriam ininterruptamente a sabedoria dos povos tradicionais de matriz afroindígena. Buscar essa compreensão, tem sido um dos desafios nacionais de combate ao racismo e promoção da equidade racial.

O Conselho Nacional de Saúde - CNS, a partir da Resolução Nº 715, de 20 de julho de 2023, orienta:

(Re)conhecer as manifestações da cultura popular dos povos tradicionais de matriz africana e as Unidades Territoriais Tradicionais de Matriz Africana (terreiros, terreiras, barracões, casas de religião, etc.) como equipamentos promotores de saúde e cura complementares do SUS, no processo de promoção da saúde e 1ª porta de entrada para os que mais precisavam e de espaço de cura para o desequilíbrio mental, psíquico, social, alimentar e com isso respeitar as complexidades inerentes às culturas e povos tradicionais de matriz africana, na busca da preservação, instrumentos esses previstos na política de saúde pública, combate ao racismo, à violação de direitos, à discriminação religiosa, dentre outras (Anexo II, item 46) .

Reconhecer as experiências de benzedeiras, parteiras, rezadeiras, espaços de convivência e promoção de bem-estar biopsicossocial, como os terreiros de umbanda e candomblé, fundamentados em cosmopercepções e epistemologias afroindígenas, como suporte à saúde integral à população brasileira; entre nós, consiste em um avanço nas políticas públicas, mas também denuncia um atraso significativo em legitimar outras metodologias diferentes das eurocristãs. Enquanto as instituições promotoras de saúde estão discutindo essas “novas” epistemologias, a população que historicamente foi bloqueada de acessar esses cuidados permanecem desassistidas e não identificadas com os modelos eurocêntricos oferecidos. Outra parcela dessa mesma população que realiza a manutenção desses saberes ancestrais são vítimas de violências racistas diariamente. Ainda assim,

“resistindo, persistindo e subsistindo nas mais diversas esferas, incluindo a subjetividade” (Pavón-Cuéllar, 2022, p.22).

### 3. CONCLUSÃO

Numa perspectiva de um tempo que é espiralar (Martins, 2021), de início, meio e começo, elaboramos o ciclo natural e ininterrupto da vida, a cena negra e indígena se repete recriada nos becos, nas matas contemporâneas, nos serviços públicos e em todo lugar em que um corpo afroindígena e suas comunidades se fazem presentes. Ainda estamos, no plano da psicologia como ciência e profissão, os saberes, as poéticas e as singularidades que compõem a população brasileira, como herança dos que vieram da África e dos donos da terra antes dos europeus chegarem.

Sabedorias que ainda estão folclorizadas e marginalizadas pela cultura ocidental, mas pulsam no coração dessa gente que resiste e reexiste. As epistemologias e metodologias negras, baseadas nos saberes da ancestralidade estão ocupando os lugares de onde há muito deveriam ter sido incluídas. O agenciamento negro criador de contextos humanizantes, vem afirmando, desde antes da colonização ocidental, as memórias que nos nutre, produz conhecimento e afirma a luta.

O cosmodrama e as práticas de interações de cuidado se manifestam nas salas de aula e no palco interativo do cuidar da população mais pobre, o SUS, para sermos mais precisos, como uma episteme que reveste a população afrodiaspórica de força de vida (Nguzo/Axé). Um saber que não exclui, mas integra a pessoa. Potencializa identidades, culturas e tradições de muita gente que só fez trabalhar e foram impedidos de dançar.

O movimento cosmodramático traz o alívio necessário na labuta acadêmica. Já se pode respirar nas salas de aula e nos corredores da elitizada universidade pública. Trazer as epistemologias negras para todos os contextos sociais onde o negroindígena se mostra, para nós, consiste num ato ético político e de reparação histórica.

A intersubjetividade, a interdependência e a confluência entre forças, saberes e ações, são aqui apresentadas como possíveis maneiras de romper com o epistemicídio e ampliar as recriações de cuidados contextualizados com as culturas negras, indígenas e diaspóricas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

ÁVILLA, Clarisse. SILVA, Heitor. (org.). **Cartilha Saúde na Favela numa Perspectiva Antirracista. Ministério da Saúde.** FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz, Coordenação de Cooperação Social. Movimento Negro Unificado. Rio de Janeiro. 2023.

BENTO, M. A. S. **Pactos Narcísicos no Racismo:** Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, SP. 2002.

BICUDO, V. L. **Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Ciência), Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, SP. 1945.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução Nº715, de 20 de julho de 2023.** Dispõe sobre as orientações estratégicas para o Plano Plurianual e para o Plano Nacional de Saúde provenientes da 17ª Conferência Nacional de Saúde e sobre as prioridades para as ações e serviços públicos de saúde aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó, uma epistemologia afro-brasileira.** EDUFBA. Salvador. 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Cobogó. 1.ed. Rio de Janeiro. 2021.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Indengue–Omo kékeré: notas a partir de alguns olhares africanos sobre infância e formação. In: XAVIER, Ingrid Müller; KOHAN, Walter Omar (orgs.). **Filosofar:** aprender e ensinar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 41-51.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. **Além da psicologia indígena:** concepções mesoamericanas da subjetividade. 1.ed. Perspectiva. São Paulo. 2022.

SANTOS, Abrahão de Oliveira.; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de. A Metodologia do espelho de Oxum na psicologia. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 16, (Edição Especial). 2023. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1625>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTOS, Alessandro; SCHUCMAN, Lia; MARTINS, Hildeberto. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 32 (spe). 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500012>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTOS, A. O. O cosmodrama e o enterreiramento da pessoa. Em: OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de; SILVA, Aline Gomes da; PENNA, William Pereira. (orgs). **Epistemes Negras oralidades, subjetividades e corporeidades em escritas**. Rio de Janeiro: VIA VERITA, 2023a.

SANTOS, Abrahão de Oliveira. Protagonismo negro e psicologia para a pessoa enterreirada. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**. Rio de Janeiro, v. 16, nº 2, pp. 83-94, 2023b.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. 6 reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.